

Uma benção chamada Janja

O tempo revelará que Janja da Silva é um presente inesperado para o Brasil.

As recentes declarações de Janja não apenas podem desencadear uma crise diplomática com os EUA, mas também expõem a fragilidade da política externa brasileira. Sem o respaldo de um boom de commodities ou apoio conquistado graças ao dinheiro destinado a aliados ditatoriais, a nossa diplomacia não se sustenta. Quem espera grandes represálias de órgãos internacionais ou líderes globais perceberá que suas falas não resultarão em ações concretas – no máximo, renderão alguns tweets e memes.

Eis a realidade: um escândalo diplomático não diminuirá o tamanho do Brasil porque, politicamente, já somos irrelevantes no cenário global. Não há declaração, fato político ou escândalo que nos torne menores do que já somos. Quando Lula assumiu a presidência com o apoio da mídia e do establishment anglo-americano, foi exclusivamente para atender aos interesses da elite globalista.

Jamais existiu um Lula respeitado no exterior como líder do Sul Global ou aliado estratégico dos BRICS. A própria Janja, ao protagonizar declarações desastrosas, tira o foco de crises internas – como o trágico suicídio em frente ao STF – e expõe o estado deplorável das instituições brasileiras. Sob essa ótica, sua atuação parece quase um presente divino, revelando a verdadeira face do sistema que nos governa.

Por outro lado, Donald Trump é frequentemente retratado pela mídia como um louco inconsequente, quando, na verdade, é um estrategista habilidoso. Assim como o mito de Lula líder do Sul Global não se sustenta, a ideia de Trump como um irresponsável é igualmente fantasiosa.

Trump compreendeu algo que muitos ignoram: a globalização e o excepcionalismo americano custaram caro aos EUA. A política externa wilsoniana, baseada em valores abstratos, exigiu o abandono dos interesses nacionais em favor de uma hegemonia global – um tipo de pax romana disfarçada. Simplificando: o excepcionalismo americano transformou as instituições de Estado dos EUA em ferramentas para implementar a agenda globalista, conhecida como sociedade aberta.

Nesse modelo, a diplomacia americana passou supostamente a defender a democracia, os direitos humanos, a liberdade econômica

- Janja tem dado imensas contribuições para a reabilitação do Brasil
- O escândalo diplomático não mudará a posição do Brasil diante do mundo
- A imagem de Lula como líder respeitado e Trump como louco inconsequente é uma fraude da mídia



e a guerra ao terror. Contudo, esses valores frequentemente beneficiavam corporações ligadas à elite anglo-americana, desviando o foco dos interesses nacionais para atender aos interesses oligárquicos.

Com o tempo, os EUA foram vistos como imperialistas, quando, na verdade, seu Estado era usado para promover a globalização e consolidar sociedades abertas. Diferente de nossos jornalistas e políticos, Trump percebeu isso e buscou priorizar os interesses nacionais, redefinindo a política externa americana para proteger os próprios EUA, em vez de servir a agendas globais.

Ainda assim, a narrativa predominante insiste nessas distorções: Lula é vendido como um líder respeitado do Sul Global, e Trump, como um lunático. Mas a história está cheia de contradições.

Como Lula pode ser considerado um líder global se mal consegue se expressar em português?

Como Trump pode ser um "maluco inconsequente" e, ainda assim, vencer as eleições com tamanha eficiência?

No fim, as narrativas mal contadas só reforçam a desconexão entre o discurso oficial e a realidade dos fatos.

